



### LÍNGUA E SOCIEDADE: UMA RELAÇÃO NEM SEMPRE ÓBVIA

Itamar José Bressan (PPGL-UNEMAT)<sup>1</sup>  
[itamarbressan@gmail.com](mailto:itamarbressan@gmail.com)

Luciane Miranda Faria (PPGL-UNEMAT)  
[lucimfaria@gmail.com](mailto:lucimfaria@gmail.com)

Pedro José de Lara (PPGL-UNEMAT)  
[pedro.lara@unemat.br](mailto:pedro.lara@unemat.br)

Roseli Peixoto Grubert (PPGL-UNEMAT)  
[roseligrubert@me.com](mailto:roseligrubert@me.com)

O pensamento de que “nem tudo na língua é regularidade” ou que “nada na língua é por acaso” (BAGNO, 2007, p. 16) opõe-se ao da Gramática Tradicional, cuja concepção de língua é abstrata e homogênea. Tal dicotomia tem constituído nossas discussões e reflexões sobre a relação língua e sociedade, sobre variação e mudança linguísticas, bem como, sobre a noção de preconceito linguístico, a partir dos estudos do Campo da Sociolinguística, inaugurados pelo modelo teórico-metodológico de William Labov, nos Estados Unidos, a partir da década de 1960.

A Sociolinguística se ocupa, segundo Bagno (2007, p. 23), do “reconhecimento da heterogeneidade intrínseca da sociedade brasileira” e vê a língua como uma atividade social, múltipla, variável, instável, não-linear, um produto do trabalho coletivo. Isto posto, nosso entendimento é de que a língua está, constantemente, em processo, em (re)construção, por isso inconclusa/inacabada, cujas características justificam seu caráter variável e heterogêneo.

Assim, ao falarmos em heterogeneidade linguística não estamos nos referindo a qualquer variação, mas à variação que pode ser sistematicamente explicada (cf. LABOV, 1978 *In*: COAN, 2007). Nessa perspectiva, “[...] a Linguística demonstra que todas as formas de expressão verbal têm organização gramatical, seguem regras e têm

---

<sup>1</sup> Alunos de Doutorado em Linguística - PPGL/UNEMAT/Cáceres.



uma lógica linguística perfeitamente demonstrável. Ou seja, nada na língua é por acaso” (BAGNO, 2007, p. 11).

A partir de tais pressupostos podemos afirmar que a relação língua e sociedade não se mostra tão óbvia, evidente/transparente em resposta à provocação de Tarallo (1990) quando propõe ao pesquisador da área que o ponto de partida para as análises deva ser, sempre que possível, a relação entre língua e sociedade. E nos leva a questionar: *mas essa relação não é óbvia?*

Numa tentativa de responder a essa provocação, mesmo que momentaneamente, apoiamo-nos inicialmente em Schmidt (2015, p. 360) quando diz que “[...] são os falantes, em sociedade, que mudam a língua – o que justifica a indissociabilidade da língua com a sociedade, pois que ambas se influenciam e se constituem”.

Deste modo, estudar a língua é refletir também sobre a sociedade na qual ela é usada, uma vez que as pessoas são identificadas, tanto geográfica quanto socialmente, pela forma como falam.

Nessa perspectiva, compreendemos língua em funcionamento e evidenciamos a situação real de uso da língua, ou seja, o real contexto de interação dos usuários. Para tanto, problematizamos a relação língua e sociedade pelo viés do funcionamento do humor na fala regional cuiabana caricaturada por meio da mídia, como reforço de estereótipos, que acentuam o preconceito linguístico nos grupos sociais cujas variantes linguísticas estão mais presentes e que, portanto, são estigmatizados e sofrem diversas críticas, censuras etc. Oliveira e Karim (2017, p. 02) apontam que “nesse aspecto, os textos de humor, em princípio engraçados e ingênuos, reforçam o preconceito linguístico, do mesmo modo como o fazem em outros tipos de preconceito”.

O preconceito linguístico se constitui na falsa ideia de um país monolíngue, de que há uma língua “certa”, de prestígio social, usada em situações formais, considerada a língua oficial numa tentativa intencional de ocultar nosso multilinguismo-multidialetalismo.

Quando as diferentes formas de falar e de escrever são evidenciadas, quase sempre, esses usos envolvem estereótipos humorísticos de determinados grupos sociais, gênero, regiões do país, que aparecem caricaturados na mídia, uma vez que

(...) o humor usa largamente certos scripts étnicos a respeito do português (que é apresentado como burro), do brasileiro (esperto, sagaz), do mineiro (calado, esperto, difícil de se deixar apanhar pela palavra, mas com aparência de tolo), dos turcos e judeus (avarentos, mesquinhos), dos negros (porcos, preguiçosos, não sabem se portar em sociedade, indigno de consideração) (TRAVAGLIA, 1989, p. 55).

As diferentes manifestações humorísticas utilizadas no Brasil sobre variados temas, na maioria das vezes, fazem uso de estereótipos que geralmente tendem a ser desagradáveis, negativos e maldosos.

Etimologicamente, o termo estereótipo deriva das palavras gregas *stereòs* = rígido e *túpos* = impressão<sup>2</sup> que nos remete à arte tipográfica, ou seja, ao processo de impressão de um texto. De acordo com os registros efetuados por Amossy e Herschberg-Pierrot (2010), o ato de estereotipar, com essa conotação, perdurou até meados do século XIX, quando o passado do verbo – neste caso, estereotipado – passou a ter o sentido figurado de rigidez, que permanece sempre o mesmo, ou seja, não se modifica, a partir de escritores cansados de fórmulas e generalidades das velhas escolas literárias.

Com o passar das décadas, a palavra estereótipo começou a ser concebida no interior do espaço semântico, passando a ter centralidade nas ciências sociais, situada inicialmente sob o conceito fundamentado em termos epistemológicos.

Um dos primeiros estudiosos a tratar o conceito de estereótipo como imagens de nossa mente que mediatizam a nossa relação com o real, foi Walter Lippmann, em seu livro “Opinião Pública” (2008). Nessa perspectiva, o autor enfatiza que os acontecimentos que vemos dependem do local onde estamos posicionados, bem como “dos hábitos dos nossos olhos” (LIPPMANN, 2008, p. 84). Isto nos leva a refletir que não enxergamos os fatos para, então, os definir, mas, ao contrário, os definimos antes de vê-los.

Dessa forma o estereótipo passou a ser considerado com sentido mais estável, como social, construído e imaginário. Neste ponto, nos reportamos à Chimamanda Adichie quando a autora nigeriana enfatiza que a história única cria estereótipos, porém, o problema com eles não é que não sejam verdadeiros, mas que eles não são completos; portanto, fazem com que uma história se torne a única história<sup>3</sup>.

<sup>2</sup> [http://www.pucrs.br/edipucrs/online/IXsemanadeletras/ide/Polianne\\_Merie\\_Espindola.pdf](http://www.pucrs.br/edipucrs/online/IXsemanadeletras/ide/Polianne_Merie_Espindola.pdf).

Acesso em: 25 jun. 2019

<sup>3</sup> <https://www.portalraizes.com/chimamanda-adichie>. Acesso em: 25 jun. 2019



Para Amossy e Herschberg-Pierrot (2010), o estereótipo trata de uma imagem coletiva, de forma simplificada e cristalizada de algo (pessoa, grupo, assunto), que suscita expectativas, hábitos de julgamento e generalizações que estão presentes na sociedade.

Podemos entender que o estereótipo é um produto da interação social e, como os indivíduos têm categorias socialmente distintas nas quais organizam o mundo, quando a informação é insuficiente as generalizações acontecem.

O estereótipo, bastante presente nas manifestações humorísticas, incluindo as piadas, geralmente está ligado a uma imagem generalizada que caracteriza determinados grupos de pessoas ou assunto. Desta forma, observamos a articulação entre o estereótipo e o riso a partir do pressuposto assinalado por Possenti (2010, p. 179) de que o humor “tem suas regras, seu universo, suas funções [...] Contudo, não deixa de ter algum papel, de retratar à sua maneira os fatos e as pessoas (exagerando-os, caricaturando-os, ridicularizando-os)”, posto que a origem de uma piada, segundo Carmelino e Possenti (2015, p. 416), “é quase sempre misteriosa, visto que se trata de um texto anônimo”.

Vale ressaltar, ainda, que a relação entre o riso e os estereótipos, geralmente, está associada ao rebaixamento, à depreciação, à avaliação negativa – “sejam de ordem física, sejam de ordem moral” (idem, p. 420).

Os estudos de Possenti (2010) sobre os estereótipos direcionam para uma percepção de que a utilização do termo não consiste apenas em uma simplificação negativa utilizada nas piadas, mas, permite ou promove aquilo que não é dito, reportando assim a questões históricas e culturais, ou seja, é suscitada a memória para que esses dizeres adquiram sentidos.

Com base no exposto, exemplificamos neste texto as peculiaridades do modo de falar da população originalmente nativa da região do Vale do Rio Cuiabá e adjacências, incluindo também a região pantaneira onde está localizada a cidade de Cáceres. O sotaque genuinamente cuiabano, que já não é mais largamente ouvido pelas ruas da capital, sobrevive ainda em algumas comunidades ribeirinhas e pequenas cidades no entorno da região metropolitana.

Assim como o linguajar cuiabano originou-se no contato dos migrantes bandeirantes portugueses com a população nativa local e de outras influências (SANTIAGO-ALMEIDA, 2012), o mesmo fluxo migratório intensificado na década de 1970 também contribuiu para o início do apagamento dessa marca linguística tão peculiar.

No falar cuiabano, as consoantes *ch* na palavra *cachorro*, por exemplo, são emitidas de forma africada, sendo consideradas muito diferentes para os migrantes que chegavam de outras regiões do país. Infelizmente essa variante linguística foi considerada “esquisita” e, por isso, motivo de chacota por parte de quem vinha de fora (COX, 2009). Com isso, os próprios habitantes locais, desconhecedores de toda a rica história por trás da constituição dessa identidade linguística, passaram a ser envergonhar do seu modo diferente de falar. O ambiente escolar também não contribuiu para a

compreensão dos fatores extralinguísticos quando é sabido que nesse ambiente valoriza-se a língua considerada de prestígio na sociedade.

Para além do *locus* de escolarização formal que é a escola, a sociedade, por meio das práticas sociais da linguagem, passa por mudanças, especialmente no que tange ao campo linguístico. Por isso, com o advento da migração, no qual o falar cuiabano foi posto à prova em face ao contato com modos de falar de diferentes regiões do país, foi acontecendo o apagamento dessa característica tão peculiar da região. A seguir, é possível observar alguns exemplos trazidos por Lima (2004, p. 110) sobre o falar cuiabano:

Uma das marcas muito presentes na comunidade cuiabana, como já falamos, entre outras, é a alternância entre as consoantes africadas e as fricativas [tS][dZ] e [S] [Z]. [...] esta variação não se restringia apenas às zonas rurais, mas também citadinas e a pessoas cultas. A seguir, alguns exemplos dessa variação: depois [de'poS], dois ['doS], milhões [mi'õS], dez ['dES][ A'dZuda], acho [ atZo], chácara [tZakra] etc.

Retomando o exposto anteriormente, após o período que culminou com a classificação do linguajar cuiabano como um modo de falar feio e esquisito, e sua consequente restrição às pessoas de classe social de não privilegiados, foi possível observar a volta dessa variante linguística em programas de humor, em propagandas de TV, mas com o apelo de fazer graça, troça com esse modo de falar.

Muitos humoristas de Cuiabá fizeram fama interpretando personagens, que se tornaram sucesso, ao explorar o lado cômico do jeito de falar cuiabano. Dentre eles podemos citar a Comadre Nhara, de Liu Arruda; Nico e Lau, personagens criados pela dupla Lioniê Vitório e Justino Astrevo de Aguiar<sup>4</sup>. Dessa forma, caricatura-se uma herança linguística em detrimento de uma norma padrão que é mais amplamente aceita numa sociedade supostamente homogênea, ou que se quer homogênea, no seu modo de se expressar oralmente quando tenta apagar as diferentes variantes linguísticas presentes em seu território geográfico.

Embora o sucesso das personagens tenha acontecido por meio da forma caricata de explorar o modo de falar cuiabano, não se excluiu a importância de se fazer ecoar que essa variante ainda existe, pois, a partir desse renascer do dialeto local, mesmo que

---

<sup>4</sup> <http://www.nicoelau.com.br/historia>



somente no âmbito do humor, permitiu que ele voltasse a ser difundido e conhecido por parte da população que não chegou a ter contato com ele, ampliando inclusive a sua relevância como objeto de estudo. Assim, a partir do entendimento que a língua é parte integrante e própria do ser humano, ela é “uma forma de vida” (SCHMIDT, 2015, P. 360).

Cabe aqui destacar, ainda, que a tensão e o conflito sempre presentes nos contextos cujas diferenças linguísticas se entrecruzam e que não são solucionáveis, haja vista que essas diferenças são hierarquizadas conforme o status socioeconômico de seus falantes. Ou seja, a língua não existe fora da sociedade, da mesma forma que a sociedade não existe sem ela, pois essa relação apresenta influência mútua, uma vez que é através da linguagem que se participa das relações sociais de poder e as mudanças na estrutura social são decorrentes da dinâmica dessas relações.

### Referências

- AMOSSY, Ruth; HERSCHBERG-PIERROT, Anne. **Estereótipos y clichés**. 1ª ed. 4ª reimp. Buenos Aires: Eudeba, 2010.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- CARMELINO, Ana Cristina.; POSSENTI, Sírio. O que dizem do Brasil as piadas? **Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão, Ed. da Unisul, v. 15, n. 3, p. 415-430, 2015.
- COAN, Márluce. Conjecturas sobre mudança linguística. **Revista Indisciplinar**, v.4, n.4 –p.9-21-jul/dez, 2007.
- COX, Maria. Ines. P. **Estudos Linguísticos no/do Mato Grosso** – O falar cuiabano em evidência. Cuiabá: EdUFMT, 2009.
- LIMA, José Leonildo. O falar cuiabano: a arquitetura morfossintática do gênero. **Revista Ecos**: estudos linguísticos e literários, Cáceres, v.1, n. 2, pp. 106-117, jan./2004.
- LIPPMANN, Walter . **Opinião Pública**. Tradução e prefácio Jacques A. Wainberg. Petrópolis: Vozes, 2008 [1922].
- OLIVEIRA, Rayani A. C; KARIM, Jocineide M. **Preconceito linguístico humor a qualquer custo**: uma abordagem sociolinguística, 2017.



## Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetoológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU  
ISSN: 2178-1486 • Volume 10 • Número 29 • Nov 2019

POSSENTI, Sírio. Estereótipos e identidades: o caso das piadas. In: POSSENTI, S. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. Sobre o falar cuiabano e o dialeto caipira. In: ALTINO, Fabiane Cristina (org). **Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística**: uma homenagem à Vandeci de Andrade Aguilera. Londrina: Midiograf, 2012.

SCHMIDT, Cristiane. Língua na perspectiva da mudança e da diversidade. **Web-Revista Sociodialeto**, UEMS/Campo Grande, 2015.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística**. São Paulo, Ática, 1990.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. O que é engraçado? Categorias do risível e o humor brasileiro na televisão. **Estudos Linguísticos e Literários**, v.5 e 6. p. 42-79. Maceió, 1989.

Recebido Para Publicação em 25 de setembro de 2019.

Aprovado Para Publicação em 20 de novembro de 2019.